

## A CELEBRAÇÃO DA FÉ

### ENQUADRAMENTO TEOLÓGICO E PASTORAL

Mesmo para os menos atentos, é muito clara a dimensão de novidade que marcou as Celebrações Litúrgicas a partir da reforma surgida do Concílio Vaticano II, particularmente através da *Const. "Sacrosanctum Concilium"* e da enorme quantidade de documentos subsequentes, dimanados tanto dos Pontífices como das várias Congregações. O Papa João Paulo II deixou-nos um legado considerável ao nível da liturgia, onde se destacam a *Carta Apostólica "Vigésimus quintus annus"*, numa espécie de balanço da reforma litúrgica nas bodas de prata da constituição conciliar, e a *Encíclica "Ecclesia de Eucharistia"*, no ano que dedicou ao "grande sacramento". O Papa Bento XVI conta na sua numerosa bibliografia teológica alguns elementos que revelam uma sintonia com o pensamento do seu antecessor: Livros como *Introdução ao Espírito da Liturgia*, *A Festa da Fé – Ensaio do Escatologia Litúrgica* e *Cantai ao Senhor um Cântico Novo*, ao lado de diversas conferências e intervenções, cuja publicação na *Opera Omnia* excede as oitocentas páginas, são a expressão da importância da liturgia para Bento XVI. O Papa Francisco não tem sido propriamente prolífico na elaboração de documentos, mas as suas intervenções, quer diárias, quer nas grandes celebrações revelam uma sintonia com a importância da

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

liturgia na sua relação com a vida de fé no quotidiano, particularmente nas Homilias diárias em Santa Marta. No pensamento dos papas e na esteira da reflexão conciliar, descortinamos uma preocupação fundamental em ultrapassar o acidental e o acessório de uma reforma que, para muitos, se reduziu a “uma maior comunicabilidade ao nível da relação física entre o celebrante e o povo”. Se é verdade que a valorização do Altar (e uma certa secundarização do Sacrário durante a celebração litúrgica) e particularmente da *mesa da Palavra* são dados mais ou menos reconhecidos, também é verdade que notamos ainda, uma compreensão incipiente da Palavra de Deus quer na pobreza dos conteúdos homiléticos (reflexões dos padres ainda muito moralizantes a coberto de falarem de “coisas práticas para a vida”) quer na incidência da mesma Palavra de Deus na vida dos fiéis mais atentos a preceitos, práticas e histórias moralizantes e vidas de santos.

Podemos certamente constatar uma valorização da “participação activa” dos fiéis na liturgia, através dos diferentes ministérios; podemos notar uma participação mais frequente e numerosa na comunhão bem como uma notória promoção do canto como elemento essencial à liturgia” (disso se falará a seguir neste colóquio), mas temos que reconhecer uma grande descaracterização da liturgia, enquanto celebração do Mistério de Deus que se comunica ao homem, deixando-a resvalar para uma espécie representação teatral, onde o espaço litúrgico se transforma em palco de vaidades, com actores que mostram não ter consciência do papel que desempenham enquanto ministros de um serviço cujo centro é o próprio Deus. A preocupação descontrolada com a aproximação das pessoas aos conteúdos da liturgia teve como consequência alguma perda da capacidade de contemplação, um afastamento do essencial da

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

celebração e a perda do sentido do mistério outrora ajudado quer pela linguagem utilizada quer pela descrição dos gestos. Assistimos agora ao desaparecimento quase completo do “simbólico” – tudo tem que ser muito real, próximo, explicado e compreendido – e alterou-se inclusivamente o sentido do movimento litúrgico: este em vez de levar o homem a entrar no mistério de Deus procura modelar um Deus à imagem da vulgaridade humana, numa reedição moderna do episódio bíblico do “bezerro de ouro”. Assiste-se por vezes a uma tal “proliferação das explicações e das admoções, que destrói a liturgia e acaba por não explicar nada” (RATZINGER, *La festa della Fede*, p. 77).

Muitos dos aspectos mais negativos da vivência litúrgica, anteriores ao Concílio, permanecem muito vivos entre nós, nomeadamente ao nível da linguagem utilizada (ir à missa, pagar a missa), ao nível da relação entre liturgia e devoções populares (com prioridade concedida ainda a estas: novenas, devoções, gestos, relação comercial com Deus), e sobretudo pela notória falta de coerência entre a dignidade das celebrações e um certo espírito consumista que as envolve (preocupação com a novidade de cânticos e textos, a originalidade no sentido de ser melhor que os outros, que nos anos anteriores, e não com a verdadeira qualidade). Por outro lado, vemos os sacerdotes demasiado ocupados com outras coisas – mais vistosas e prestigiantes mesmo que boas como a acção social – mas reservando as obrigações do estado sacerdotal para o intervalo das outras; depois, ao pretenderem precipitadamente fazer algo de especial, caem no descabido, no mau gosto e no erro. Há celebrações que não passam de uma leitura corrida do *Ordinário da Missa* e outras em que se inventa para ser moderno, caindo facilmente na “missa-festa” ou na “missa-espectáculo”, num “show” litúrgico que poderá conseguir

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

cativar, mas não consegue celebrar. Conserva-se ainda, em muitos casos, uma relação demasiado estreita entre a participação na Eucaristia e o sufrágio pelos mortos: a Missa fica substancialmente ligada às “intenções” (que suplantam a importância das festas ou memórias litúrgicas) e, em certos casos transformou-se a Eucaristia (e respectivas intenções) num negócio rentável, numa eficaz campanha de angariação de fundos ou até numa forma de rápido enriquecimento de algum clero menos escrupuloso.

Se quisermos fazer uma reflexão eficaz sobre as nossas celebrações, podemos evocar o pensamento de João Paulo II, na *Encíclica "Ecclesia de Eucharistia"*: “O tesouro é demasiado grande e precioso para se correr o risco de o empobrecer ou prejudicar com experimentações ou práticas introduzidas”, até porque “a Liturgia Sagrada exprime e celebra a única fé, professada por todos e, sendo herança de toda a Igreja, não pode ser determinada pelas Igrejas locais isoladamente da Igreja universal”. Por isso é importante compreender “a grande responsabilidade que têm sobretudo os sacerdotes na celebração eucarística, à qual presidem *in persona Christi*, assegurando um testemunho e um serviço de comunhão, não só à comunidade que participa directamente na celebração, mas também à Igreja Universal, sempre mencionada na Eucaristia. Temos a lamentar, infelizmente, que, sobretudo a partir dos anos da reforma litúrgica pós-conciliar, por um ambíguo sentido de criatividade e adaptação, *não faltaram abusos*, que foram motivo de sofrimento para muitos. Uma certa reacção contra o formalismo levou alguns, especialmente em determinadas regiões, a considerarem não obrigatórias as ‘formas’ escolhidas pela grande tradição litúrgica da Igreja e do seu Magistério e a introduzirem inovações não

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

autorizadas e muitas vezes completamente impróprias”. Ora, contiu a o Papa “a liturgia nunca é propriedade privada de alguém, nem do celebrante, nem da comunidade onde são celebrados os santos mistérios; trata-se de um mistério “demasiado grande para que alguém possa permitir-se de tratá-lo a seu livre arbítrio, não respeitando o seu carácter sagrado nem a sua dimensão universal” (n. 51-52).

A valorização do mistério da Eucaristia passa por uma clara consciência de que a sua celebração deve ultrapassar, de longe, a simples dimensão evangelizadora e catequética da acção da Igreja. O futuro próximo nos fará tomar consciência de uma realidade para a qual deveríamos ter a coragem de olhar desde já. A falta de clero obriga-nos desde já – e dissemos isto há mais de dez anos, no próprio Sínodo – a repensar a importância e singularidade da celebração da Eucaristia no contexto mais alargado da Acção Pastoral de que deve ser um fruto maduro, o ponto de chegada de um processo de formação e consciência cristã, e não o resíduo de uma tradição, inconscientemente mantida, sem quaisquer compromissos com o crescimento na fé e desinserida da nossa relação com o mundo envolvente. Sabemos – avisava então João Paulo II - que “quando uma comunidade está privada do sacerdote, se procura justamente remediar para que de algum modo continuem as celebrações dominicais; e os religiosos ou os leigos que guiam os seus irmãos e irmãs na oração exercem de modo louvável o sacerdócio comum de todos os fiéis, baseado na graça do Baptismo. Mas tais soluções devem ser consideradas provisórias, enquanto a comunidade espera um sacerdote” (*Ecclesia de Eucharistia*, n. 32). Por isso, mais do que arranjar ou pensar em soluções alternativas à celebração da Eucaristia deveremos pensar em meios de podermos celebrar e

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

participar nela com consciência, com dignidade, com tempo, com condições mínimas – acolhimento, leituras, canto e outros ministérios – e, já agora, com gente que justifique uma celebração seja ela diária seja dominical. Fomos criados num ambiente em que a Eucaristia constituía um importante, e por vezes o único, meio de manifestar a fé ou de alimentar a devoção. Juntamente com a casa paroquial, era a “missa” dominical ou diária que ia “fazendo a paróquia”; vai-se aproximando o tempo- e é já – em que o conceito de paróquia irá assentar noutras realidades nomeadamente a participação e compromisso cristão; seremos obrigados a alargar ou, quem sabe, a abolir fronteiras paroquiais, se quisermos ter celebrações condignas. À luz da Tradição da Igreja, a Eucaristia não esgota a liturgia; mais ainda, a Eucaristia não pode ser indiscriminadamente oferecida a todos em jeito de prateleira de supermercado; deverá ser reservada para aqueles que se sentem capazes de ser participantes mais que assistentes. Se, na perspectiva do Concílio, a Eucaristia é “ponto de chegada e também ponto de partida de toda a vida da Igreja”, é importante que a sua celebração indiscriminada não venha a contradizer o sentido e importância do próprio *Dia do Senhor*, ao ser reduzida a um simples elemento de consumo religioso. Por outro lado a celebração diária da Eucaristia não deve constituir uma mera rotina de uma comunidade, nem muito menos depender da existência de intenções ou do interesse do sacerdote em celebrar.

A preocupação em dar uma dimensão religiosa às datas e celebrações mais importantes (festas litúrgicas, paroquiais e pessoais) ao lado de um acentuado culto dos mortos conduziram a celebração da Eucaristia a uma vulgaridade comparável à de quaisquer actos mais folclóricos como as procissões que, aos poucos, foram perdendo a dimensão religiosa. Da mesma forma, os Casamentos ainda vão

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

tendo que ter a sua “própria” missa como se esta fosse um direito adquirido em nome da tradição, mesmo que a maior parte dos convidados fique fora do templo e os que estão dentro muitas vezes nem saibam responder ao celebrante. Também todo e qualquer funeral ainda tem que ter *missa* e, para isso, os agentes funerários até providenciam o sacerdote (inclusive em *concelebrações* a pedido das famílias mais ricas), da mesma forma que providenciam urnas e as coroas de flores; a isto acrescentamos as insubstituíveis missas de sétimo e de trigésimo dia, momentos marcadamente sociais, mesmo que propícios a uma vivência particular da fé e a uma sensibilidade para o sofrimento e a solidariedade.

Precisamos de encarar de frente a preparação e a qualidade das celebrações eucarísticas; precisamos de assentar em pontos de referência para as mesmas celebrações a fim de que as pessoas possam realmente aprender como melhor celebrar, como melhor participar. Há quarenta anos que vimos realizando *Encontros de Pastoral Litúrgica*, mas não vemos resultados significativos ao nível da qualidade das celebrações paroquiais e mesmo diocesanas. Qual o grau de presença e receptividade aos mesmos por parte dos leigos e até dos sacerdotes? Até que ponto as centenas de pessoas que neles participam têm intervenção nas comunidades a que pertencem? Que grau de receptividade encontram nos párocos e outras pessoas da paróquia que se assumiram como donos e senhores da liturgia paroquial, resistindo a quem traga ideias que podem abalar os seus esquemas ou pretensos poderes? Qual o nível de presenças nesses *Encontros* por parte dos agentes efectivos das celebrações paroquiais e inclusivamente diocesanas desde párocos a leitores, organistas, cantores, acólitos e coordenadores das equipas de liturgia onde existem? E que dizer de grupos e movimentos que se assumem como

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

responsáveis pela organização da liturgia paroquial, mas estão completamente desenquadrados da dinâmica própria da comunidade que todos os domingos se reúne para celebrar? E que dizer também de celebrações “privadas” de grupos, movimentos ou instituições onde se aproveita para fazer os maiores atropelos à verdade da liturgia como expressão da unidade da Igreja invadindo-as de textos, cantos e gestos de indesmentível mau-gosto?

A preparação e vivência comunitária de alguns Sacramentos levou um incremento muito positivo a partir da reforma litúrgica, nomeadamente o Baptismo, a Reconciliação e a Unção dos Enfermos; também a Confirmação vem revestindo, cada vez mais, a dimensão de um compromisso, publicamente assumido, em favor da comunidade, decorrente do próprio do crescimento humano e pessoal. Mas é preciso também avaliar a motivação dos pais que procuram o Baptismo, procurando ver em que medida tal pedido corresponde a uma consciência das responsabilidades com a formação futura da fé dos seus filhos. Há que ver a questão das festas de catequese, particularmente da Primeira Comunhão, progressivamente transformadas em eventos sociais que em nada marcam uma relação permanente e duradoura com Jesus Eucaristia por parte das crianças. A pastoral da Reconciliação deverá ser repensada: a Reconciliação deve implicar uma proposta de conversão, uma caminhada espiritual favorecida por celebrações penitenciais condignas e por maior disponibilidade de tempo dos pastores; não é justo promover a recepção do Sacramento e depois despachar as pessoas em celebrações massificadas de “desobriga”, com a desculpa de que um atendimento mais demorado se reserva para a direcção espiritual e com a explicação que temos que ir confessar para outro lado. Quanto ao Crisma, é necessário ter em conta que muitos apenas procuram o

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

“crisma” porque se tornou condição para ser padrinho de Baptismo; será de favorecer a prática já instituída em algumas paróquias de exigir dos confirmados um compromisso concreto com a comunidade paroquial. Da mesma forma, há que atender com cuidado à questão do Matrimónio católico: este deve ser definitivamente assumido como opção consciente de cristãos amadurecidos na fé e cientes das suas responsabilidades, cristãos dispostos a testemunhar a *unidade*, a *fecundidade* e a *indissolubilidade* do sacramento; a celebração do matrimónio católico não deve reduzir-se à garantia de um belo e gratuito cenário para o álbum de fotografias ou *posts* no Facebook; também não pode ser uma mera prevenção que afastar o perigo de um dia o pároco não lhes querer baptizar os filhos. Talvez seja tempo de invertermos a atitude tradicional de “exigir” aos fiéis que casem catolicamente, passando os párocos a colocar as condições mínimas para o acesso dos seus paroquianos ao sacramento do Matrimónio.

Concluindo: na *Carta Pastoral “Spiritus et Sponsa”*, ao celebrar os quarenta anos da Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia (2003), o Papa João Paulo II afirmava: “Olhando para o futuro, vários são os desafios que a Liturgia é chamada a enfrentar. Com efeito, durante estes quarenta (agora já são 55) anos a sociedade passou por profundas transformações, algumas das quais põem vigorosamente à prova o compromisso eclesial. Temos à nossa frente um mundo em que, também nas regiões de antiga tradição cristã, os sinais do Evangelho se vão atenuando. Chegou o tempo de uma *nova evangelização*. E a Liturgia é interpelada directamente por este desafio. À primeira vista, ela parece ter sido posta de lado, por uma sociedade amplamente secularizada. Contudo, é um dado de facto que, apesar da secularização, no nosso tempo sobressai de muitas

## MELGAÇO CELEBRA 40 ANOS DE DIOCESE

---

formas uma renovada necessidade de espiritualidade. Como deixar de ver nisto uma prova do facto de que, no íntimo do homem, não é possível anular a sede de Deus? Existem interrogações que só encontram a resposta no contacto pessoal com Cristo. Somente na intimidade com Ele cada existência adquire o seu significado e pode chegar a experimentar aquela alegria que levou Pedro a dizer, no monte da Transfiguração: "Mestre, é bom estarmos aqui!" (Lc 9, 33).

*Melgaço, 17 de Fevereiro de 2018*

*Jorge Alves Barbosa*